



GT 5: Educação Estética, Currículo e Ensino.

## REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE E DA ESCRITA NO CONTEXTO ESCOLAR

Sabrina Carneiro de Sales<sup>1</sup>

Damiana Alves Bruno<sup>2</sup>

Sirneto Vicente da Silva<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho é oriundo dos estudos realizados na disciplina “O Ensino do Português”, ministrada no curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), no semestre 2024.1. Apresenta uma discussão acerca da oralidade e a escrita, assim como destaca sua importância e a forma como a linguagem é trabalhada nas escolas públicas. Objetiva analisar a linguagem oral e escrita e sua aplicação no contexto escolar, buscando compreender se existe tratamento diferenciado de uma modalidade da língua em detrimento da outra. A metodologia utilizada para realização deste trabalho foi a pesquisa teórico-bibliográfica. A partir disso, postulamos que há uma falta tanto no ensino da oralidade quanto no ensino da escrita devido à forma que se privilegia a função da aprendizagem no contexto da sociedade em que vivemos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita. Oralidade. Ensino.

### INTRODUÇÃO

Esse trabalho visa um estudo da relação entre oralidade e escrita e como essas modalidades da língua são tratadas nas aulas que têm como objetivo o desenvolvimento da linguagem. Por meio dessa pesquisa, buscou analisar-se os conceitos que definem língua falada e língua escrita, como são trabalhadas na escola, qual o espaço que deveriam ocupar na formação humana e suas contradições.

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: [sabrina.carneiro@aluno.uece.br](mailto:sabrina.carneiro@aluno.uece.br).

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: [alves.bruno@aluno.uece.br](mailto:alves.bruno@aluno.uece.br).

<sup>3</sup> Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (PPGE/UFC). Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE/FAFIDAM). E-mail: [sirneto.silva@uece.br](mailto:sirneto.silva@uece.br).



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL  
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES E  
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE  
26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024  
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



A Base comum curricular (BNCC) define o ensino da oralidade como:

[...] as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, *playlist* comentada de músicas, *vlog* de game, contação de histórias, diferentes tipos de *podcasts* e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (Brasil, 2018, p. 77).

Esse documento retrata, em diversos momentos, a importância da escrita e reconhece algumas vezes sua relação com a linguagem falada. Nota-se também a repetição do termo “escrita espontânea”, principalmente nos campos de experiência referente à educação infantil.

A partir disso, é válida a reflexão a respeito do desenvolvimento da oralidade e da escrita no ambiente escolar e ainda cabe uma análise profunda dos documentos que regem a educação no Brasil e se isso se concretiza no espaço real. O aprofundamento dos currículos educacionais ficará para um próximo desenvolvimento da pesquisa.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Marcuschi (2020), embora a fala seja o aspecto mais central no cotidiano dos indivíduos, a atenção dada a ela não corresponde a sua centralidade. Já a importância atribuída à escrita é mais notável no contexto escolar. A postura adotada atualmente é que os professores responsáveis pelo ensino da língua trabalhem cada vez mais com a oralidade, mas não acontece dessa forma. A maioria dos livros didáticos de português atentam-se para regras gramaticais, identificação de informações no texto, através dos exercícios de interpretação, e por fim trabalham com a produção textual por meio de redação.

Não que o trabalho com a gramática, interpretação e produção de textos não sejam relevantes para o ensino da Língua Portuguesa, mas cada vez mais oralidade é deixada de lado nessa disciplina. Principalmente pela concepção de que a criança aprenderá esses conhecimentos de forma espontânea, presentes nos currículos institucionais. Viana (2013) destaca ainda que a formação dos profissionais da educação está sendo cada vez mais fundamentada na pedagogia construtivista do “aprender a aprender”, fator esse que culmina em soluções práticas e pouco eficazes no ensino ao invés de soluções teóricas pautadas nos conhecimentos necessários para o ensino e aprendizagem.



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL  
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES E  
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE  
26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024  
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



Antunes (2003) retrata que o ensino da oralidade é negado, pois esse aspecto da língua é o mais comum no meio social. Segundo esse autor, os erros da fala não são considerados no processo de aprendizagem da língua materna, pois estes não correspondem ao que defende a gramática; a linguagem apropriada a situações formais se diferencia da linguagem coloquial situada no cotidiano. Na verdade, a escola trabalha com a oralização por meio de leitura e análise de textos com conversação simples. Não se ensina os padrões gerais para uma conversação formal, que exige um padrão textual rígido.

A respeito da escrita, Melo e Silva (2005) postulam que devem ser aprendidas levando em consideração os seus princípios básicos. A escrita com finalidade e destinatários claros, inserindo o contexto psicossocial; a escrita trabalhada a partir de contextos sociais, com destinatários autênticos e, por fim, o desenvolvimento de reflexão sobre a escrita e as ações que se realiza ao escrever.

Antunes (2003) também analisa a escrita no contexto escolar. E um dos principais assuntos que esse autor aborda é a falta do ensino da linguagem escrita a partir de uma funcionalidade, ele destaca que escrever textos completos contribui melhor para o desenvolvimento da escrita do que apenas a criação de frases e ditados para exercício da matéria. Outro fator preocupante destacado é a escrita sem planejamento e revisão, o que importa, na verdade, para a escola, é somente o ato de realizar a escrita.

Assim como o texto falado, o texto escrito é resultado de uma coprodução entre interlocutores. A diferença entre o texto escrito e o texto falado é a forma que ambos se realizam. Na escrita se considera para quem se escreve, mas não há uma participação direta e ativa, do receptor, na elaboração do texto, pois há uma grande distância entre o escritor e o leitor. Sendo assim, quem produz o texto tem mais tempo para planejar sua construção. No texto falado, pode ocorrer que o grau de coprodução seja menor. Quando um dos interlocutores domina o turno e fala sobre um tema que todos os envolvidos voltam a sua atenção, como, por exemplo, em situações formais em palestras, conferência e discursos públicos (Koch; Elias, 2015).

Olhando de uma perspectiva histórico-crítica, a partir de Dangió (2017), a linguagem escrita é mais complexa por ser mais abstrata e incluir o signo gráfico. Consequentemente, esse caráter abstrato de ideias postas em palavras é um obstáculo para criança na aprendizagem da língua escrita. Ela se relaciona com intencionalidade e com consciência, precisando assim do uso de rascunhos materiais e mentais.



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL  
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES E  
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE  
26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024  
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



Normalmente a linguagem oral cotidiana não se atenta para esses fatores. Porém, se considerarmos a oralidade em estrutura formal, esses aspectos se assemelham à escrita. Em uma situação formal de linguagem falada em que o indivíduo esteja repassando algum conhecimento científico também se faz necessária a intencionalidade, consciência e rascunhos mentais e materiais. Esses elementos estão presentes nos roteiros escritos. Isso se dá, pois a escrita tem função mnemônica, sendo assim uma grande auxiliadora no processo da fala planejada. Deve-se então esclarecer a criança sobre esse caráter da escrita. A partir disso, analisa-se a oralidade e a importância do planejamento da fala em situações formais, quando um indivíduo discorre sobre determinado assunto, principalmente em meios acadêmicos e se tratando de conteúdo científico. Por isso, se faz necessário, em sala de aula, trabalhar com essa fala planejada, principalmente com o auxílio da escrita.

Nos mais diversos livros de português a posição sobre o papel central da escola é o ensino da escrita, mesmo assim configura-se como um estudo que não abrange toda complexidade da escrita, principalmente em aspectos ortográficos. Em contraponto, os dados sobre língua falada são escassos, os autores desses livros não sabem como situar o estudo da oralidade. Não se mostra as relações de influência entre fala e escrita. O estudo da fala tem um aspecto central que é a variação, sendo de grande importância demonstrar que a língua falada é variada. Sendo assim, é importante que noções como dialeto, variante, sotaque, registro, estilo, entre outras, devem se tornar centrais no ensino da língua para auxiliar na consciência de que a língua tem variações. A partir disso, a fala não pode ser ensinada de forma autônoma. Ela deve se integrar à escrita. O estudo da oralidade deve mostrar que há uma relação de fala e escrita, sendo a fala uma mediadora da escrita. Além disso, a análise da língua como mecanismo de controle social e reprodução de esquemas de dominação é essencial nesse contexto. A análise da interação verbal oral contribui diretamente para uma compreensão do que se imagina quando se afirma que o homem é um ser social. Então é primordial que se tenha uma noção de língua escrita e falada sem que haja relações dicotômicas entre elas (Marcuschi, 2020).

Cumprido, portanto, destacar a importância do planejamento da aula pelo professor. Nesse sentido, Melo e Silva (2005) ressaltam que:

O planejamento sempre foi um instrumento importante em qualquer setor da atividade humana: no governo, em casa, na igreja ou na escola. Planejar torna possível definir o que queremos a curto, médio e longo prazo; prever situações e obter recursos; organizar as atividades; dividir tarefas para facilitar o trabalho; avaliar (Melo; Silva, 2005, p. 81).



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL  
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES E  
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE  
26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024  
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



Dessa forma, também ressaltamos que esse planejamento não é essencial apenas para o professor, mas também para os alunos, principalmente na organização da fala por meio da escrita no que diz respeito à oralidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do estudo referente à linguagem oral e escrita, concluímos que estas modalidades da língua estão relacionadas e devem ser trabalhadas juntas no que diz respeito ao planejamento da fala, pois a escrita desde seu tempo mais remoto tem a função de auxiliadora da memória. Mesmo que a fala esteja atrelada ao uso cotidiano, em âmbito formal ela se diferencia das características espontâneas a ela designadas, necessitando de intencionalidade, consciência e um rascunho mediador. Também destacamos a escassez do ensino da oralidade que muitas vezes se confunde com oralização.

Por fim, destacamos que os profissionais da educação necessitam de um planejamento para trabalhar esses dois aspectos da língua, pois assim como a escrita, a fala precisa considerar a intencionalidade, portanto, incluir o planejamento ao ser utilizada nas relações sociais.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

DANGIÓ, Meire Cristina dos Santos. **A alfabetização sob o enfoque histórico-crítico: contribuições didáticas. 2017. 356 f.** 2017. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciência e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e Ensino da Língua: uma questão pouco "falada". *In*: DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Livro Didático de Português: múltiplos olhares.** Campina Grande, Pb: Edufcp, 2020. Cap. 2. p. 25-46.